



[5] o masp

A ideia de se criar um museu novo no Brasil partiu de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, conhecido como Chateaubriand ou Chatô para os próximos, que convidou o Professor Bardi para montar e dirigir o novo museu. Ele era um magnata das comunicações, dono de uma grande cadeia de jornais e rádios e, posteriormente, de televisão, os Diários Associados; com o intento de interligar o enorme território brasileiro, foi incentivador de aeroclubes, doando aviões para aprendizado em aviação, e inaugurou mais de uma centena deles, ou seja, o mesmo propósito das comunicações. Além disso, foi quem propôs que o museu fosse sediado em São Paulo, onde estava a riqueza, onde seria possível encontrar algum dinheiro para fazer o museu. Como narra o Professor:

Chegando a São Paulo fomos para a rua Sete de Abril ver o grande edifício, ainda em fase do concreto. Inspeccionamos o primeiro andar (a sobreloja), uma área com cerca de mil metros quadrados. Chateaubriand disse ao pessoal: “Aqui será inaugurado um museu. Este é o professor Bardi, seu diretor”. Era a primeira vez que eu recebia o título de professor. [...] Lina projetou os espaços no segundo andar do edifício denominado Guillermo Guinle, cujo projeto era de autoria do arquiteto francês Jacques Pilon, autor também do vizinho prédio da Biblioteca Municipal (Biblioteca Municipal Mario de Andrade).¹²

Houve o crescimento dos Diários Associados, assim como do próprio Masp, cujo acervo e atividades também cresciam significativamente – o museu começara na sobreloja e depois ocupara dois andares a mais. Tentou-se, ainda que sem sucesso, uma união com a Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), e o acervo, transferido experimentalmente para lá, retornou para a rua Sete de Abril.

Na avenida Paulista havia um terreno, onde existira o Trianon, local destinado a festas e bailes (tendo por cobertura uma laje que constituía um belvedere no nível da avenida e com ampla vista para a avenida Nove de Julho e a área do centro da cidade), que foi demolido

[34] Vista do MASP, 2007. Foto: Nelson Kon.

12. BARDI, P. M. *História do Masp*, cit. p. 13. A biblioteca citada recebe o nome de Mario de Andrade, importante literato modernista, intelectual multidisciplinar que foi um dos líderes da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Um dos fundadores do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN.

para ser erguido um pavilhão para a primeira bienal (Bienal de Arte de São Paulo). O terreno era da Prefeitura de São Paulo, e seu doador, Joaquim Eugênio de Lima, impusera uma exigência (testamentária, de que se a cláusula não fosse cumprida o terreno retornaria aos herdeiros da família): qualquer construção ali realizada deveria manter a vista que se descortinava do centro da cidade. Ficamos sabendo que Cicillo¹³ pretendia construir ali a sede do MAM de São Paulo, encomendando um projeto ao arquiteto carioca Affonso Eduardo Reidy, sem considerar, porém, a necessidade de manutenção do belvedere, o que causou a recusa de sua proposta, que ocupava todo o espaço.¹⁴

Segundo Lina, Chateaubriand e o Professor estavam viajando e tinham pressa de propor um projeto para a área falaram, então, com Edmundo Monteiro, diretor administrativo do Masp na época.

Ela idealizou um projeto que mantinha a vista exigida para o centro da cidade, pousando o corpo principal sobre quatro colunas laterais, com um vão livre no térreo, como hoje se vê o Masp. Edmundo resolveu falar com o prefeito Adhemar de Barros e chegaram a um acordo.¹⁵

Ou seja, Lina tomou toda a iniciativa sozinha, mesmo sem a importante influência do Professor no meio intelectual e de Chateaubriand no âmbito político.

Além do estudo apresentado por Reidy, citado pelo Professor, outro estudo foi entregue por Luís Saia¹⁶, que mantinha o antigo edifício do Trianon e elevava um volume sobre belvedere, para isso deixando uma série de colunas; este também não foi aceito – as colunas não foram aceitas –, a fim de que se deixasse a vista livre para o vale da avenida Nove de Julho.

Enquanto isso, a Prefeitura de São Paulo derrubou o antigo edifício do Trianon, sob o belvedere, restando então uma enorme vala onde, por falta de outra proposta, estava se desenvolvendo somente um projeto de banheiros públicos. Foi a partir desses fatos que Lina tomou a "cruzada" para si, na verdade para um bem

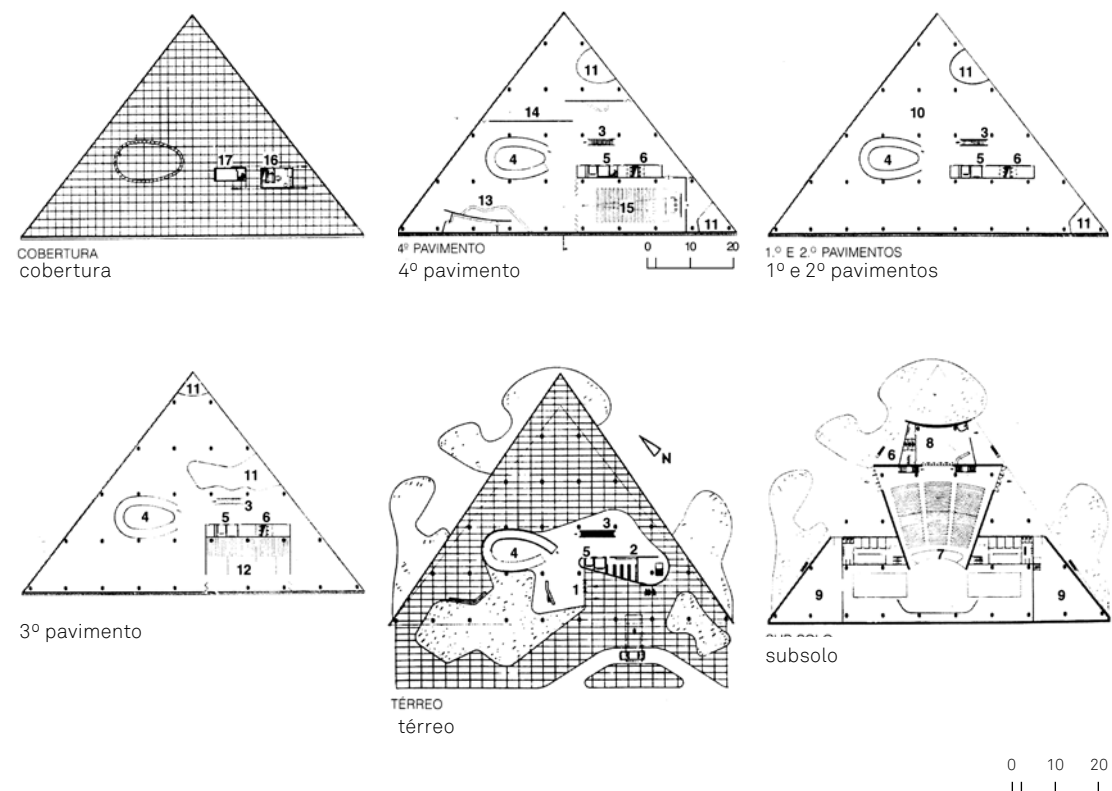
13. Cicillo Matarazzo, Francisco Antônio Paulo Matarazzo Sobrinho, industrial e grande empresário, competia com Pietro Maria Bardi enquanto mecenas das artes. Fundou o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), cujo acervo, doado por ele mesmo para a Universidade de São Paulo, passou a ser do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Fundou também a Bienal de Arte de São Paulo, à qual o Professor se refere no texto.

14. Ibidem, p. 32.

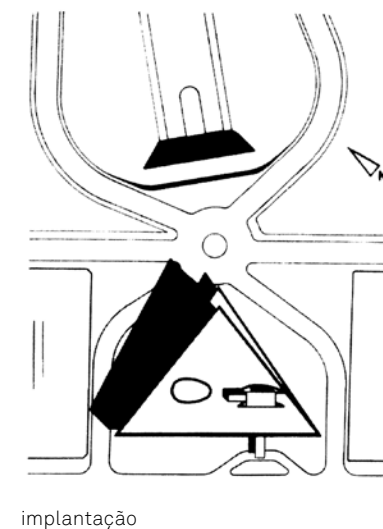
15. Ibidem, p. 31.

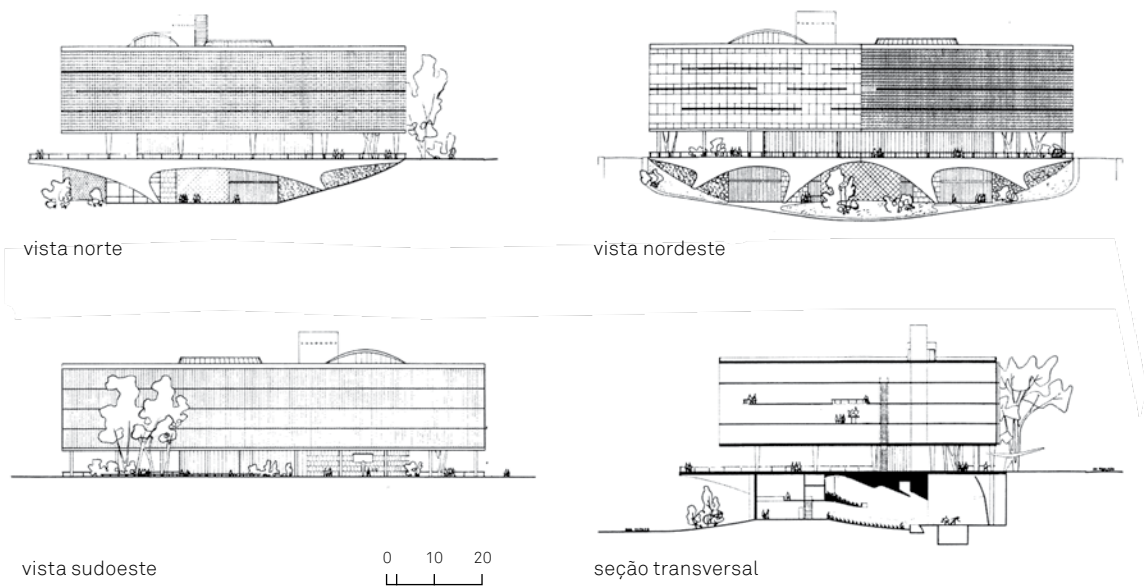
16. Luís Saia, engenheiro arquiteto formado na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, desde 1936 colaborador do Departamento de Cultura e do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no qual substituiu Mario de Andrade desde seu falecimento em 1945, na Chefia do 4º Distrito, cargo que exerceu por quarenta anos.

[35 e 36] Plantas e implantação da proposta do arquiteto Affonso Eduardo Reidy para o Museu de Artes Visuais, São Paulo, 1952.



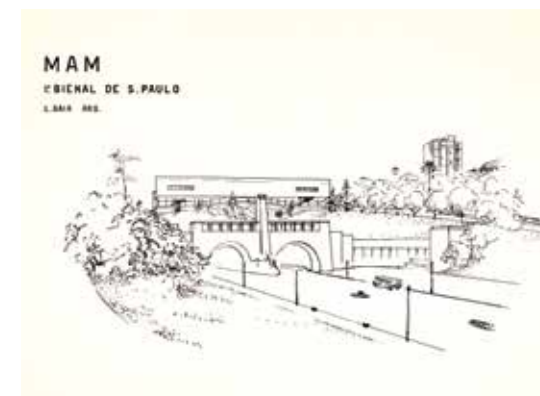
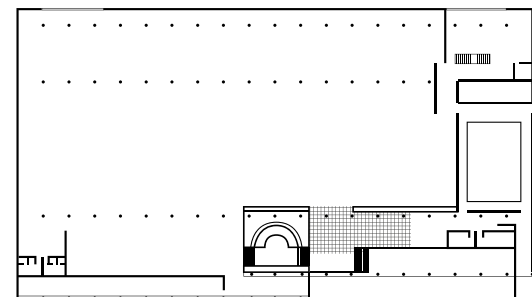
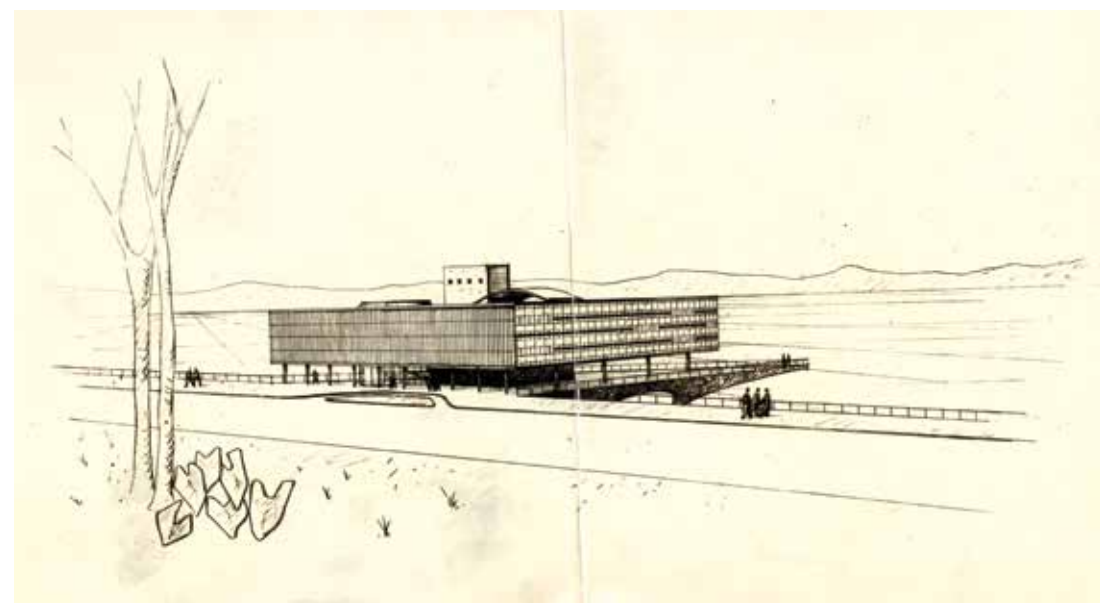
1. entrada
2. chapelaria
3. escadas
4. rampas
5. elevadores
6. sanitários
7. teatro
8. hall
9. depósito e oficinas
10. exposições
11. rasgo na laje
12. armazenamento de obras
13. bar
14. biblioteca
15. auditório
16. dormitório de seguranças
17. sala de máquinas





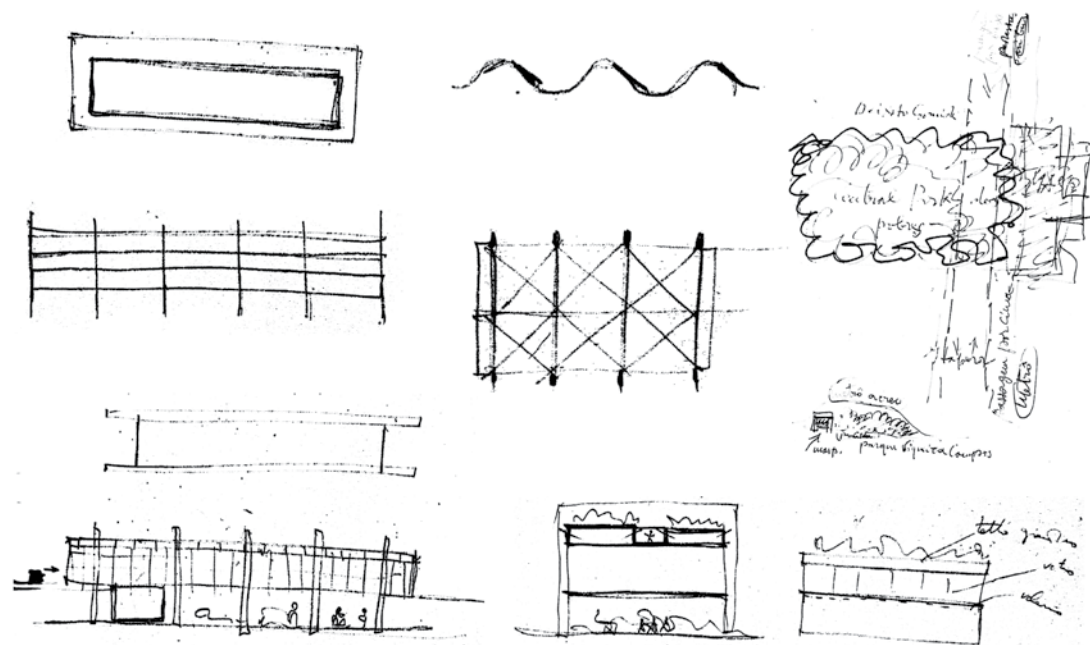
[37] Elevações e corte da proposta do arquiteto Affonso Eduardo Reidy para o Museu de Artes Visuais, São Paulo, 1952.

[38] Perspectiva da proposta do arquiteto Affonso Eduardo Reidy para o Museu de Artes Visuais, São Paulo, 1952 (Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ).



[39] Redesenho da planta do arquiteto Luís Saia para o Pavilhão Trianon, primeira Bienal de São Paulo, 1951 (Roberto Guedes).

[40, 41 e 42] Perspectivas da proposta do arquiteto Luís Saia para o Pavilhão Trianon, primeira Bienal de São Paulo, 1951 (Arquivo Histórico Wanda Svevo/Fundação Bienal de São Paulo).



[43] Estudos de Lina Bo Bardi para o MASP (Instituto Lina Bo e P. M. Bardi).

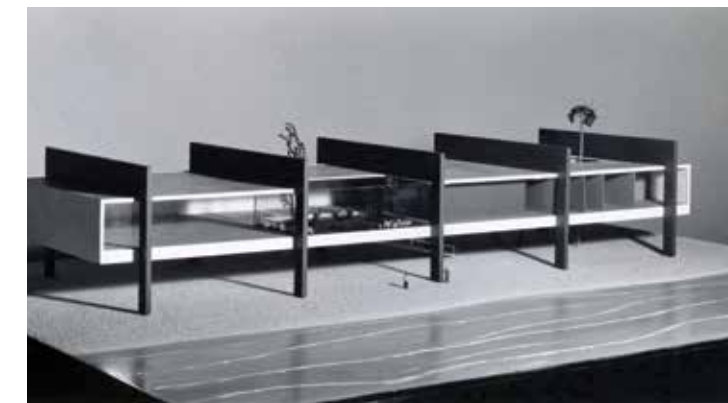
público, o Masp.

Os estudos feitos por ela e o estudo que, ao final, acabou aprovado pela Prefeitura de São Paulo e pela família de Joaquim Eugênio de Lima, passaram por diversas etapas, começando por croquis em que o Masp seria muito próximo do projeto já feito por ela para o museu de São Vicente, com pórticos – neste caso, pórticos mesmo – no sentido transversal ao corpo principal, ficando perpendiculares, de topo para a avenida Paulista, já configurado o conjunto principal totalmente suspenso, deixando o nível da avenida totalmente livre.

Com a participação do engenheiro José Carlos de Figueiredo Ferraz, o projeto foi modificado, os pilares foram reduzidos para quatro e colocados no sentido longitudinal do corpo principal, que levaria às vigas de grandes vãos, solucionáveis pelo sistema de protensão. As vigas ficaram no sentido paralelo à avenida Paulista.

Os desenhos de Lina, após a participação de Figueiredo Ferraz, já apresentam a estrutura nessa direção, mas foram feitas várias versões, como a que apresenta a caixa suspensa quase totalmente fechada, com um grande rasgo de abertura horizontal no nível da administração e com a pinacoteca iluminada por *sheds*.

O mesmo aconteceu para a ocupação dos níveis abaixo da avenida Paulista, com várias versões. Uma delas aproveitava a declividade do terreno – a inclinação do auditório de plateia até palco estariam assentadas nesse declive – e propunha uma marquise no



[44] Maquete do museu para a cidade de São Vicente, à beira do oceano. Fotomontagem: Hans Gunter Flieg, 1951 (Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; acervo Instituto Moreira Salles).

nível do belvedere.

Entre a concepção e a inauguração transcorreram-se mais de dez anos. A inauguração, em novembro de 1968, foi feita pela rainha Elisabeth II, da Inglaterra. Chateaubriand não pôde ver sua invenção inaugurada no novo prédio, pois havia falecido em abril daquele ano.

No novo edifício apresentou-se o acervo sobre o inusitado cavalete de vidro, forma de exposição totalmente nova para tão rico acervo, ao qual nos referimos logo no início deste trabalho, ainda que não seja o foco deste estudo.¹⁷ Além disso, grandes mostras temporárias também se realizam ali – várias delas organizadas e executadas por Lina, e o Masp seguiu adiante, sempre sob o comando do Professor.

Da mesma forma, seguiu o edifício sofrendo apenas pequenas adaptações insignificantes, em instalações ou manutenções parciais e pontuais, até que, 21 anos depois de inaugurado, em 1989, houve a primeira grande intervenção, com plena anuência de Lina: refazer a impermeabilização total da cobertura, inclusive das duas vigas protendidas, que são as que ficam expostas às intempéries e à poluição de São Paulo.

Sobre a impermeabilização das vigas, Lina ordenou a aplicação de tinta na cor vermelha, seguindo pelos pilares, dizendo que essa era a ideia original, mas que não tinha sido possível, pois na época da inauguração o Brasil passava por um dos piores e agressivos períodos da ditadura militar que se instaurara no país, e pintar de vermelho não teria sido permitido.

A pintura acentua a aparência de pórtico da estrutura, que, como vimos, já assumia esse visual quando a arquiteta complementou as quinças das vigas; na realidade, a estrutura não é um pórtico.

Com o afastamento do professor Pietro Maria Bardi da presidência

17. Sobre o assunto, ver: OLIVEIRA, O. F. *Lina Bo Bardi: obra construída*. Barcelona: Gustavo Gili, 2G n. 23-4, 2003, pp. 14-17.